

VILA DO CORVO

CIRCUITO INTERPRETATIVO



ECOMUSEU DO CORVO

Casa do Tempo

Rua das Pedras, s/n
9980-025 Vila do Corvo – Açores
Coordenadas
Lat. 39.672494
Long. -31.111258

GAT- Gabinete de Apoio Técnico e Atafona do Lourenço

Canada do Graciosa, s/n
9980-031 Vila do Corvo – Açores
Coordenadas
Lat. 39.673723
Long. -31.111721

Espaço Cultural Multiusos

Rua Joaquim Pedro Coelho, s/n
9980-037 Vila do Corvo – Açores
Coordenadas
Lat. 39.674358
Long. -31.114514

Contactos:

Telefone: +351 292 596 063
Email: ecomuseu.corvo.info@azores.gov.pt
Pagina do facebook:
<https://www.facebook.com/museudoterritorio/>
Instagram: @ecomuseudocorvo



RESERVA BIOLÓGICA DO CORVO
PARQUE DE CAMPISMO / BALNEÁRIOS / I.S.
PRAIA DE AREIA

- EIRAS
- EDIFÍCIOS HABITACIONAIS
- SERVIÇOS/ COMÉRCIO/ EQUIPAMENTOS

- Artesanato
- Biblioteca
- Câmara Municipal
- Farmácia
- Multibanco
- Padaria
- Pavilhão Polidesportivo
- Porto de pescas
- Posto de correios
- RIAC/Loja de apoio ao cidadão
- Segurança Social
- Snack-bar
- Mercearia
- Queijaria – Queijo Curado Corvo
- Unidade de alojamento
- Unidade de saúde
- Sanitários/WC

O CIRCUITO INTERPRETATIVO

O Circuito Interpretativo de Vila do Corvo surge como um instrumento de interpretação do território, tendo sido concebido, de forma participada, no âmbito do projeto do Ecomuseu do Corvo. Sendo a cultura o resultado da adaptação de uma comunidade a um determinado território, no Corvo são os terrenos com os seus muros de pedra, os pastos a perder de vista no baldio e os caminhos que os interligam, os moinhos de vento, a singularidade da sua estrutura urbana com a sua complexa densidade e sistema de estreitas ruas e canadas, as eiras onde em tempos se debulhou o trigo, ou se dançou uma roda de chamarrita, os elementos que a caracterizam.

Assim, é percorrendo e interpretando o território, as ruas e as canadas, e ouvindo as pessoas partilharem as suas histórias, que o visitante apreende a essência e a história da comunidade corvina.



A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

Desde cedo que a fixação dos povoadores na ilha do Corvo se revelou condicionada pelas características do território e dos recursos que continha. Para que o empreendimento fosse bem-sucedido foi necessário encontrar resposta a três questões: o que comer, onde se abrigar e o que vestir. É da procura por resposta a estas questões que resulta a organização do território patente ainda hoje em dia, onde são claras as marcas humanas. O povoado foi instalado a este da fajã lávica, único local da ilha com acesso ao mar, para que a oeste ficasse disponível o maior número possível de terrenos férteis para cultivo, o que solucionava as duas primeiras questões. A criação de gado ovino, lançado na ilha aquando da sua descoberta, respondeu à terceira questão, pelo que, durante séculos, os corvinos se serviram da lã destes animais, que pastavam livremente no baldio (área de propriedade e gestão comuns), para confeccionar as suas vestes. Com o crescimento da população foi necessário também cultivar nos terrenos mais elevados, as chamadas terras de cima, permanecendo o baldio para a criação de gado. Quando o gado bovino aumentou em número, parte dos terrenos mais elevados passou a ser usada para pastagem.

1 VIGIA/PONTO DE PARTIDA



O Corvo terá sido descoberto em 1452 por Diogo de Teive, que o avista a partir da vizinha ilha das Flores.

O povoamento efetivo só teve lugar a partir de 1548, já a ilha era posse de Gonçalo de Sousa que, por ser também donatário de Santo Antão em Cabo Verde, traz escravos para colonizarem a ilha (20 casais), aos quais se juntam alguns povoadores da ilha das Flores.

Com o falecimento de Gonçalo de Sousa, em 1592, e a retirada dos escravos da ilha pela sua viúva, chegam ao Corvo, pela mão do novo donatário, D. Francisco de Mascarenhas, Conde de Santa Cruz, novos colonos, fi lhos e netos dos povoadores da ilha das Flores.

Durante os séculos XVI e XVII, no auge da expansão marítima europeia, o Corvo era ponto de passagem obrigatório das grandes rotas transatlânticas. O intenso tráfego marítimo, resultante da presença das naus vindas das Índias e das Américas e de embarcações pertencentes à Armada das Ilhas, atraía piratas e corsários, com quem os corvinos desde cedo desenvolveram uma relação ambígua, feita de ataques, comércio e amizade. A sua posição geoestratégica garantiu-lhe, assim, o nome de Ilha do Marco, tendo sido também conhecida como Ilha de Santa Iria e Ilha dos Corvos Marinhos.

9 CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DE AVES SELVAGENS



O Centro de Interpretação de Aves Selvagens do Corvo está instalado num conjunto requalificado, onde também funciona o Gabinete de Apoio Técnico do Ecomuseu do Corvo.

Aqui encontramos o que, em tempo, foi uma casa de moradia e um *chapo*, termo que, por adaptação da palavra inglesa *shop*, significava carpintaria. Para além dos trabalhos aliados a tal ofício, este era também um espaço onde os vizinhos e amigos do proprietário se reuniam para conviver e até para ler, isto pela noite dentro pois, durante o dia, cuidavam das terras e dos animais.

A atafona do Lourenço, assim designada no Corvo, é o único exemplar sobrevivente das 5 atafonas que existiram, que se constitui como um testemunho da atividade cerealífera na ilha do Corvo, que durante séculos garantiu a sobrevivência da comunidade corvina e o pagamento dos impostos a que estavam sujeitos.

Trata-se de um engenho rústico ou moimho de cereais movido por um animal, quase sempre bovino.

Este terá sido o primeiro e o mais utilizado no processo de moagem, cujo funcionamento não dependia da direção e intensidade do vento.

1 MEDEIROS, Carlos – “Primórdios do Comunitarismo numa Ilha Atlântica – o Corvo”. In *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. XLI. Angra do Heroísmo, 1983, pp. 454/455.

2 FURTADO-BRUM, Ângela – *Açores, Lendas e outras Histórias: Lendas do Corvo*. Ponta Delgada: Ribeiro & Caravana Editores.

3 RUY, José – *A Ilha do Corvo que Venceu os Piratas*. Lisboa: Âncora Editora, 2018.

4 Mais informação em CALDAS, João Vieira – “A Casa Vernácula da Ilha do Corvo”. In *MATOS, Artur Teodoro de, LEITE, José Guilherme Reis (Coord.) – Retratos Sociais da Ilha do Corvo, Do Povoamento ao Século XIX*.

Horta: Núcleo Cultural da Horta / Câmara Municipal do Corvo, 2016, pp. 183-202.

5 Mais informação em PIMENTEL, Fernando António de Fraga – *Nossa Senhora dos Milagres – Padroeira do Corvo*. Corvo: edição de autor, 2016.

2 CANADA DA ROCHA



O núcleo antigo de Vila do Corvo localiza-se a nascente da fajã lávica e a sua configuração assemelha-o a uma aldeia transmontana pela grande proximidade entre as casas, interligadas por um complexo sistema de canadas e ruas estreitas. Apesar da disponibilidade de terrenos a poente, todo o aglomerado populacional se fixou a nascente, fosse pelo sentimento de segurança coletiva ou pela disponibilidade de terrenos férteis. A encosta íngreme a norte atua como uma divisão natural entre as terras de baixo e as terras de cima, e ainda como uma proteção contra os ventos predominantes de noroeste. As casas do povoado apresentam as suas fachadas principais viradas a sul, garantindo uma maior exposição solar e visibilidade para a comunidade vizinha.

10 ATAFONA DO LOURENÇO



A atafona do Lourenço, assim designada no Corvo, é o único exemplar sobrevivente das 5 atafonas que existiram, que se constitui como um testemunho da atividade cerealífera na ilha do Corvo, que durante séculos garantiu a sobrevivência da comunidade corvina e o pagamento dos impostos a que estavam sujeitos.

Trata-se de um engenho rústico ou moimho de cereais movido por um animal, quase sempre bovino.

Este terá sido o primeiro e o mais utilizado no processo de moagem, cujo funcionamento não dependia da direção e intensidade do vento.

3 CASA DO TEMPO



Na Rua das Pedras, topónimo que revela a tipologia do solo, está implementada a Casa do Tempo. Este espaço, estrutura física do Ecomuseu, funciona como uma antecâmara do território, providenciando ao visitante, através de recursos audiovisuais e multimédia, informação sobre a história da ilha e das suas gentes, incitando-o a visitá-lo. A partir da informação disponível, o visitante poderá construir o seu próprio itinerário, à luz dos seus interesses ou curiosidade, estando já na posse de um pré-horizonte de inteligibilidade, que lhe permite dar sentido ao que vê e, assim, experienciar o Corvo.

11 LARGO DO MAROUÇO



A sociedade corvina era igualitária, não existiam estratos sociais, para o que muito contribuiu o facto de a família dos donatários nunca ter vivido na ilha. Contudo, existiam dois fatores de diferenciação social: idade e género. Isto significava que os espaços de convívio e as tarefas variavam entre as mulheres e os homens e, dentro deste último grupo, entre os mais novos e os anciãos.

Este era o local de encontro dos jovens, que apenas se juntavam aos anciãos no Outeiro se fossem chamados para tal; as mulheres, por sua vez, surgiam no Largo do Outeiro nos dias de festa ou nos dias em que o navio aportava à ilha e procuravam saber quem de novo chegava.

Este era também o ponto de reunião do andar do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade, por ocasião da procissão do Senhor dos Passos, que tinha lugar no domingo que antecedia a Páscoa; o primeiro, precedido pelos homens, subia a Rua das Pedras e o segundo, pelas mulheres, subia a Rua da Matriz.

4 CANADA DO MANQUINHO



Ao subir a Canada do Manquinho, observam-se diversas características urbanísticas e arquitetónicas da Vila: a configuração labiríntica e íngreme das canadas, cuja orientação norte-sul é transversal às ruas, os edifícios estreitos, alongados, e cuja implantação acompanha a topografia do terreno; a existência de estreitos canadinhos que separam os edifícios e onde se verifica que estes praticamente nunca se encostam aos vizinhos; a dignificação da fachada com maior dimensão voltada a sul, que se verifica com a existência das escadas e do balcão de pedra e também com o destaque dos vãos maiores do edifício, assim como a localização, mesmo em frente desta fachada, de pequenos logradouros. A delimitação vinculada do logradouro e os espaços exíguos que se encontram entre as casas revelam-nos o outro lado da sociedade comunitária do Corvo de outrora. Se, por um lado, o comunitarismo pressupõe o espírito de ajuda, a gestão partilhada de um bem comum, como é o caso do baldio, e a existência de uma sociedade igualitária, por outro lado, gerou, no Corvo, a necessidade de demarcar de forma clara aquilo que era propriedade privada.

12 LARGO DO OUTEIRO



Localizado no coração de Vila do Corvo, o Largo do Outeiro tem ainda hoje em dia um grande valor simbólico para a comunidade corvina. Funcionou durante séculos como o centro das decisões, tomadas pelos anciãos que aqui se reuniam, no final do dia de trabalho.

Com a “eleição” a Vila em 1832 chegam os serviços administrativos associados, que são aqui instalados. A Câmara Municipal e a cadeia, a Repartição de Finanças e Tesouraria, a sede da Cooperativa Agrícola Corvense e a Casa do Povo estiveram instaladas neste largo até terem sido extintas ou transferidas para o limite da vila, considerado hoje o centro, devido ao crescimento significativo que se verificou nos últimos 20 anos para oeste.

Outras utilidades foram dadas aos edifícios que ainda hoje se podem ver. A Casa do Espírito Santo (nome dado ao império do Espírito Santo), construída em 1871, é a única que mantém hoje em dia a sua função original, enquanto espaço de culto. O Largo é ainda ponto de encontro entre os mais velhos que, ao final do dia, convivem aqui.

5 CANTO DO REGO



A baía do Porto da Casa, fronteira à Vila, foi palco de várias incursões por parte de piratas e corsários, já que a ilha não possuía estruturas de defesa contra as mesmas.

O ataque de Sir Francis Drake, corsário ao serviço da Coroa inglesa, que, em 1587, incendeia o então chamado Porto das Casas, e o ataque dos piratas berberes, em 1632, que são vencidos pelos corvinos, apesar do seu reduzido número e de terem apenas pedras para se defender, são dois dos episódios mais marcantes.

Este último evento deu origem a uma das lendas mais significativas do imaginário corvino, que foi homenageada, pela mão de José Ruy, quer através de um painel de azulejo, quer através de um álbum de banda desenhada, intitulado *A Ilha do Corvo que Venceu os Piratas*, que foi concebido, através de um processo participativo, no âmbito do projeto do Ecomuseu.

13 CASA DISTINTA RUA DA MATRIZ



A Rua da Matriz, chamada assim por nela se encontrar a Igreja Matriz, através do núcleo antigo de Vila do Corvo, quase como um limite pois, para oeste, encontravam-se já os terrenos de cultivo. Era ao longo desta rua que se situavam as últimas casas da Vila.

Aqui encontramos uma moradia que se evidencia por apresentar características que diferem do modelo reconhecido como a casa típica do Corvo. Destacam-se a sua grande volumetria, a fachada orientada a nascente com varanda e a existência de elementos arquitetónicos como cunhal, cornija e avental de janela. Estes elementos são indicadores da situação financeira favorável dos seus proprietários.

Terá sido pertença do Capitão Joaquim Pedro Coelho, primeiro Presidente da Câmara do Corvo, e da sua esposa, D. Mariana de Jesus, descrita a Raúl Brandão, durante a sua estada na ilha, como alguém que *ia de capa para a igreja e de botas nos pés, quando toda a gente andava descalça (...). Chegou a ser a rainha do Corvo: aconselhava, arranjava dispensas, e punha e dispunha a seu grado.*

Seria fi lha do Padre João Inácio Lopes.

6 CASA DO CORVO/ CANADA DO MAURÍCIO



A casa do Corvo resulta de um conjunto de transformações e aperfeiçoamentos que tiveram lugar ao longo do tempo, conhecendo períodos mais ou menos intensos, sendo que a primeira referência que encontramos é da autoria de Gaspar Frutuoso, no século XVI, que nos fala de “casas palhaças”, aludindo à sua cobertura.

As alterações mais profundas datam do século XIX e é a partir daqui que vai tomando forma a casa vernácula do Corvo4, cuja tipologia é bastante distinta: construção em alvenaria de pedra vulcânica, por vezes revestida a argamassa, de planta retangular ou em “L”, dois pisos e cobertura de duas águas em telha de meia-cana. No piso inferior localizavam-se a cozinha, onde o forno de lenha era uma constante, e as lojas, onde se guardavam as alfaias e se abrigavam os animais, tendo aquelas comunicação interior através de uma porta, mas também um acesso independente pelo exterior. No piso superior localizavam-se os quartos e a sala, sendo o acesso feito pelo exterior, dinâmica que é alterada pela introdução das escadas interiores. No exterior encontravam-se o curral e o chiqueiro dos porcos.

14 IGREJA MATRIZ



A igreja matriz do Corvo5 tem como padroeira Nossa Senhora dos Milagres, cuja imagem é de origem flamenga, destacando-se pelo seu talhe e pelos magníficos adornos com que foi dotada ao longo dos séculos. Conta-nos a lenda que a imagem terá sido encontrada na baía, durante uma das muitas buscas por lenha. Num caixote, para além da fi gura da Santa, estava um bilhete onde se lia *no lugar onde eu sair, façam-me uma ermida*, dando assim origem à primeira ermida do Corvo, de invocação a Nossa Senhora do Rosário.

A construção da igreja Matriz atual teve início ainda no século XVII, devendo-se em parte às constantes denúncias do estado de degradação da ermida existente, por parte dos Visitadores, durante as Visitas Pastorais. A mesma fonte diz-nos que, em 1695, a igreja estaria já pronta a ser utilizada, embora apenas ficasse completa em 1795. Foi palco de um incêndio, em 1932, que destruiu uma parte considerável do arquivo paroquial que, aliado ao anterior incêndio que havia tido lugar na Câmara Municipal em 1867, resultou numa perda significativa da história da ilha e da sua comunidade.

7 LAVADOURO



Ao cimo da Rua da Fonte, hoje Rua Pedro Pimentel Cepo, encontra-se o primeiro chafariz a ser construído na Vila, em 1836, e o último dos três lavadouros que existiram (os outros foram o das Pedras e o do Jogo da Bola). Podem observar-se aqui quatro áreas distintas: bebedouro para animais, já que este era um dos acessos pedonais às terras acima, chafariz onde se podia recolher água para os mais diversos usos domésticos, lavadouro com seis tanques, onde as mulheres lavavam as roupas, e uma pia de pedra única, onde se lavavam as fraldas, a roupa dos doentes e as lãs acabadas de tingir.

Com a construção deste espaço, melhorado em 1891 graças à ação da Comissão de Melhoramentos, formada no ano anterior e liderada pelo Padre José Machado Gregório de Mendonça, garantiu-se pela primeira vez um acesso cómodo a água potável. Em 2016 o chafariz da Fonte de Cima foi reabilitado pela Câmara Municipal, que procurou aproximá-lo da sua aparência original, com base num registo fotográfico do final do século XIX.

15 ESPAÇO CULTURAL MULTIUSOS



Este edifício, inaugurado em 2011, localiza-se num dos pontos mais elevados da Vila, evidenciando-se e marcando fortemente a paisagem. A nível exterior o edifício apresenta-se com simplicidade, revestido em “deck” de madeira e rodeado por muros em basalto. O Pavilhão Multiusos assume-se como uma estrutura física visitável do Ecomuseu do Corvo, que permitiu alargar a sua missão.

Neste edifício são realizadas exposições, cinema, teatro, palestras, congressos, seminários, colóquios, eventos musicais, dança e outros eventos socioculturais, permitindo uma nova dinâmica cultural na ilha.

8 CIMO DO MARANHÃO



É possível ver no cimo da Ladeira do Maranhão duas eiras de lajes de pedra, revestidas de argamassa, e a delimitação de outra em terra batida. O Corvo teve em tempos trinta e seis eiras, existindo hoje dia vinte e três. Era nas eiras que se procedia à debulha do trigo, do centeio e da cevada e onde se malhavam o tremoço e o feijão. A propriedade das eiras era comumente repartida entre duas ou mais famílias e aquelas que não possuíam uma podiam, a título gratuito e mediante disponibilidade, servir-se de alguma das existentes. O pesado imposto de quarenta moios de trigo anuais, equivalentes a 36 toneladas, que recaiu sobre a comunidade corvina durante cerca de três séculos, agravou a necessidade da existência destes espaços de debulha, cuja pedra usada na sua construção provinha maioritariamente da Rocha do Rego. Sendo os cereais a base da alimentação das comunidades rurais, como era a do Corvo, a falta de trigo que se destinava, quase na sua totalidade, ao pagamento do imposto e à sementeira do ano seguinte, obrigou os corvinos a encontrar outras alternativas. Surge assim o recurso à junça (*Cyperus esculentus*), um tubérculo cujas propriedades nutritivas e medicinais são reconhecidas hoje em dia e cuja revalorização está a ser agora levada a cabo, no âmbito do projeto do Ecomuseu do Corvo.

CIRCUITO INTERPRETATIVO DE VILA DO CORVO

INFORMAÇÕES E CONTACTOS ÚTEIS

POSTO DE TURISMO – Casa do Bote
(+351) 292 596 277

CÂMARA MUNICIPAL
(+351) 292 590 200

CONTACTO DE EMERGÊNCIA - 112



Mais informações
<https://www.facebook.com/museudoterrioi/>

GABINETE DE APOIO TÉCNICO DO ECOMUSEU DO CORVO

Canada do Graciosa s/n, 9980-031, Vila do Corvo
Email: ecomuseu.corvo.info@azores.gov.pt
Telefone (+351) 292 596 063